10.17771/PUCRio.escrita.8422

Regência verbal em PL1/M[i] com aplicabilidade em PL2-E[ii]: uma nova proposta de gramaticalização

Renata de Oliveira Razuk

O presente artigo proporciona algum entendimento sobre a regência verbal ao analisar como o assunto é tratado nas gramáticas de PL2-E. A seguir, os resultados são confrontados com a realidade lingüística do brasileiro – um programa de TV (informal) e a plenária de um tribunal (formal). Ao final, é traçada uma nova proposta de gramaticalização voltada para aprendizes do português como língua estrangeira.

This article offers some understanding about prepositional verbs by investigating how it is treated in grammars of PSL (Portuguese as a Second Language). Then, the results are compared to Brazilian linguistic reality – TV program (informal) and Court debates (formal). In the end, a new approach is presented for the subject, aiming the learners of Portuguese as a foreign language.

1. Introdução

A regência verbal[iii] é um dos aspectos gramaticais que demarcam diferenças entre línguas e, por isso mesmo, causa tanta confusão entre os aprendizes estrangeiros. Os verbos que exigem complementos relativos, por exemplo, precisam estar acompanhados de preposição, e a escolha dessa preposição vai depender de cada língua.

O presente trabalho visa, portanto, a proporcionar um melhor entendimento sobre as questões de regência verbal, analisando em especial como o assunto é tratado nas gramáticas de PL2-E, para que, depois, estas se[iv]jam confrontadas com a realidade lingüística do brasileiro. A fim de retratar a linguagem como ela é usada no dia-a-dia, serão utilizados como materiais de pesquisa um programa de TV e a plenária de um tribunal.

Ao final, será traçada uma nova proposta de gramaticalização da regência verbal voltada para aprendizes do português como língua estrangeira, com base na análise comparativa dos materiais e no que dizem as gramáticas.

2. Gramáticas de PL2-E

10.17771/PUCRio.escrita.8422

Faz-se aqui uma breve revisão de dez gramáticas do português como segunda língua para estrangeiros (cinco das décadas de 60/70 e cinco de 90/00) sobre regência verbal e tópicos afins – transitividade e complementaridade verbal, preposições regidas de verbo.

Williams (1976) dedica o início de quase todos os seus capítulos aos verbos e suas conjugações, mas não faz qualquer comentário a respeito de seu uso regencial. Sobre os complementos verbais, o autor apenas aproveita as explicações sobre os pronomes pessoais para mostrar ao leitor as formas usadas como objetos (direto e indireto), sua posição em relação ao verbo (antes, no meio ou depois) e as possíveis combinações entre OD e OI.

Observe-se que, excetuando-se sua preocupação com os verbos seguidos diretamente de infinitivo e aqueles intermediados por preposição (principalmente, *a* ou *de*), as preposições em geral não são objetos de descrição na obra de Williams (1976).

Thomas (1969), ao contrário, dedica um capítulo inteiro às preposições: inicia por algumas considerações gerais (origem, posposição dos pronomes pessoais e *basic historical prepositions*); continua por descrever, exaustivamente, os principais usos de cada uma das preposições (simples e compostas) mais comuns; e chega a uma lista de construções alternativas que ilustra a gama de possíveis variações no uso das preposições.

Voltada ao ensino do português falado, Thomas (1974) trata apenas indiretamente de regência verbal ao dedicar uma lição inteira ao uso de algumas preposições, dando exemplos e tentando relacioná-las às suas supostas correspondentes na língua inglesa: 'a' ('*to*' e '*at*'); 'até' ('*as far as*', '*until*', '*by*' e '*even*'); 'de' ('*of*', '*from*/*of*', '*by*', modificadores, '*about*/*of*' e '*to*'); e 'em' ('*in*', '*at*', '*on*', '*into*/*onto*'). Além destas, são apresentadas, em outras lições, as funções das preposições *em*, novamente, e *por*, e as diferenças e semelhanças entre *para* e *a* e entre *por* e *para* – estas últimas são reconhecidamente um problema para os estrangeiros.

Note-se que, assim como Williams (1976), Thomas (1974) só fala de complemento verbal quando se refere aos pronomes pessoais usados como objetos direto e indireto.

Sá Pereira (1973), por sua vez, descreve a língua portuguesa como se dedicasse sua gramática a falantes nativos – desde a Introdução, há excesso de detalhes, como a seção sobre os mecanismos de produção do som no português, que inclui um diagrama sobre os órgãos responsáveis pela fala humana –, porém, o tema regência verbal e seus assemelhados não são explicitados nessa gramática.

10.17771/PUCRio.escrita.8422

O único momento em que fala de objeto direto e objeto indireto é quando trata dos pronomes pessoais, suas formas combinadas, mudanças na forma após o verbo e regras de colocação – exatamente como Williams (1976) e Thomas (1974). E as poucas vezes em que trata das preposições regidas de verbo é para diferenciar os pares 'por X para' e 'para X a' ou quando discorre sobre os *dependent infinitives* – verbos que introduzem infinitivo diretamente ou por meio de preposição.

Prista (1966) cobre os principais pontos da língua portuguesa escrita dando às preposições um pequeno espaço: opta por oferecer somente exemplos de frases com as principais delas – sempre correlacionando, assim como Thomas (1974), as duas línguas de interface –, as diferenças de uso entre 'por' e 'para' e preposições usadas com determinados verbos e a forma infinitiva.

Da mesma maneira que Williams (1976), Thomas (1974) e Sá Pereira (1973), Prista prefere não tratar diretamente do assunto regência verbal, mas chega a dar a definição de objeto direto e objeto indireto – e falar sobre transitividade:

> Some verbs (called transitive verbs) take direct and/or indirect objects in their predicates; other verbs (called intransitive verbs) do not take objects of any sort. In English, except for pronouns, objects do not have any special forms, but in languages which have case forms or more pronoun forms than English, objects can be troublesome (…) (Prista, 1966, 106-107)

Voltada para o público de língua francesa, a gramática de Carreira e Boudoy (1993), é organizada em ordem alfabética de temas, em formato de fichamentos, onde se pode encontrar a ficha n.º 131: *Prépositions (après verbes, adjectifs et noms)*. Após explicarem que as preposições em português não têm correspondentes diretas em francês, as autoras apresentam uma listagem de regências – aliás, são as únicas a fazê-lo –, ao que se segue uma parte sobre as possíveis contrações com outros termos – explicação mais comum.

'Por' e 'para' também são preposições contempladas, mas não comparativamente – cada uma tem sua ficha em separado. Outras que também recebem mais atenção das autoras são 'a', 'de' e 'em'. Além disso, como a maioria dos autores aqui utilizados, elas apresentam os casos de verbos unidos a infinitivo por preposição e mostram semelhanças e diferenças entre as preposições 'a' e 'para' nos verbos de movimento.

Um pequeno capítulo de Hutchinson e Lloyd (1996) é dedicado às preposições, consistindo de três listas – preposições simples; complexas ('*prepositional phrases*'); e

10.17771/PUCRio.escrita.8422

alguns poucos verbos seguidos de preposição –, todas com a tradução direta para o inglês. No capítulo 'Aditional Notes on Portuguese Usage', o autor acrescenta subitens sobre as diferenças básicas intrínsecas às duplas 'por X para', 'a X para' e 'desde X de', e também sobre as preposições relacionadas a tempo e a meios de transporte.

Tyson-Ward (1997) divide sua gramática em duas partes: *Portuguese Verbs* e *Essencials of Grammar*. Na primeira, abre-se espaço para um capítulo sobre verbos seguidos de preposições ('a', 'de', 'em', 'com', 'por' e 'para'), mas são listados tão-somente aqueles acompanhados da forma infinitiva – ao final, é feita uma pequena observação sobre o acompanhamento de nomes e pronomes.

Na segunda parte, a autora dispõe o tópico das preposições como Hutchinson e Lloyd (1996): um capítulo para preposições e outro para o par 'por X para'. No primeiro, ela começa definindo o item gramatical para, em seguida, semelhantemente a alguns gramáticos de PL2-E, apresentar uma lista com as '*simple prepositions*', outra com as '*compound prepositions*', outra ainda com as preposições de tempo, além de explicações sobre as contrações, sempre com a tradução direta para o inglês. Quanto ao capítulo sobre as diferenças entre 'por' e 'para', parece ser o mais completo dentre os encontrados nas obras para falantes de inglês, pois inclui não só as situações em que aparecem, mas também exemplos para cada uma delas de forma comparativa.

Dentre as dez obras analisadas aqui, Masip (2000) é a única escrita em português. Mas, embora ele pretendesse uma gramática específica de português para estrangeiros, o resultado de sua obra acaba não preenchendo essa lacuna, uma vez que se dedica a algumas questões gramaticais irrelevantes ao aprendiz de língua estrangeira.

Por exemplo, no caso do verbo, chega a discorrer sobre ele e as demais classes gramaticais, apresentando a nomenclatura de cada uma, conceituando-as e apontando as diferenças entre elas. Não bastasse esse grau de detalhamento, define exaustivamente o verbo, classifica-o segundo a tonicidade, a forma, a função e o significado. Há definições que não diferem muito das oferecidas pelas gramáticas do português como língua materna:

> '(...) Intransitivos: possuem o significado completo da ação; não precisam de objeto: *andar, sair, correr, bocejar*. Transitivos: não possuem o significado completo da ação; precisam de objetos: *fazer, fabricar, oferecer*. (...) De ligação: servem para unir: *ser, estar, parecer* (...)' (Masip, 2000, 104)

10.17771/PUCRio.escrita.8422

No que diz respeito às preposições, é ainda mais detalhista, chegando a superar alguns gramáticos do PL1: após dar a sua definição, o autor as classifica em 'preposições essenciais', 'preposições acidentais' e 'locuções prepositivas', listando cada tipo, ao que se segue uma tabela com a origem de cada uma delas no latim. O autor ainda se dá ao trabalho de discutir a sintaxe segundo o binômio centro-margem e regência-dependência.

Finalmente, a mais recente das gramáticas de PL2-E foi escrita por Perini (2002) em inglês e tem um vasto capítulo direcionado às preposições, percorrendo o assunto de forma mais abrangente e completa que os demais. Explica a diferença entre preposições 'autônomas'e 'governadas', ilustrando este último com o 'gostar', que sempre pede a preposição 'de'. É importante notar a atenção dada pelo autor às dificuldades do aluno estrangeiro em entender a escolha das preposições em português:

> (…) An important feature of governed prepositions is that they have no clear meaning in themselves – their function is purely structural, that is, they work as connecting elements between larger portions of the sentence.
> Consequently, governed prepositions present thorny problems to students because it is very difficult to justify the presence of individual prepositions in semantic terms. For instance, there's no known reason why *gostar* requires *de*, while *adorar*, 'to love', requires no preposition at all and *pensar*, 'to think', requires *em*. Therefore, learning to use governed prepositions is largely a matter of memorizing individual cases (Perini, 2002, 441-442).

Devido à complexidade no uso das preposições 'governadas', ele deixa o assunto para um capítulo à parte, sobre a valência na língua portuguesa – é o único dos dez gramáticos a fazer isso –, onde ressalta a importância do tema:

> Learning a language includes, then, learning the valency of its verbs – with particular attention, of course, to those points where it differs from the learner's own language. Portuguese and English, being after all relatively close languages, do not differ greatly in this respect; but there are differences, and these are the subject of this chapter (Perini, 2002, 469)

Aqui, Perini aproveita para chamar a atenção para os dois principais pontos a serem aprendidos pelo estrangeiro: os complementos do verbo e as preposições obrigatórias a ele; e dá exemplos com os verbos 'gostar', 'pensar', 'sonhar' e 'dar', chegando ao preciosismo de dedicar um subitem à classificação dos complementos em objeto direto, objeto indireto, predicativo, sujeito-complemento e complementos adverbiais – todos eles merecendo conceituação particularizada em alguma parte do livro.

10.17771/PUCRio.escrita.8422

Enfim, apesar de *Modern Portuguese: A Reference Grammar* assemelhar-se em muitos aspectos às gramáticas voltadas para o falante nativo do português, é a que mais atende às necessidades imediatas do estrangeiro.

3. Análise dos Dados

O corpus é constituído de seis episódios da comédia televisiva 'Os Normais' (primeiro DVD) e duas sessões plenárias, com tempos de duração equivalentes.

O objetivo dessa escolha foi abarcar os pontos extremos, na oralidade, das linguagens informal e formal, independentemente de qualquer avaliação sobre o público a que se dedicam ou o gênero característico. A diversidade dos materiais também é interessante à validação do estudo: apesar de o primeiro deles ser uma ficção, como produto da nossa cultura, 'Os Normais' representa a nossa realidade – inclusive lingüística; o segundo é um evento real, que traduz o formalismo exigido em alguns ambientes onde o português também é o código lingüístico reinante.

3.1- Os Normais

Na fala das personagens de 'Os Normais' é muito raro encontrar desvios quanto ao uso do complemento relativo (CR), o que significa dizer que, mesmo em situações lingüísticas de oralidade combinada com informalidade, os brasileiros tendem a seguir a norma padrão nos verbos de transitividade relativa.

As poucas exceções são naturalmente aceitáveis: já haveria uma nova regência amplamente adotada pelo falante nativo, como acontece com o verbo assistir no sentido de ver: "**Assista 'Os** Normais', depois faça a viagem dos seus sonhos (...) É muito simples, primeiro você **assiste o** programa." / "(...) quero **assistir** cena por cena."; e com o verbo chegar: "**Chega em** Putanhesca e fala assim: "cebola" (...)" / "Você sabe **chegar no** lugar?".

Especial atenção também deve ser dada ao verbo ir, que aparece tanto na forma mais tradicional – seguido da preposição "a": "Eu já **fui a** Putanhesca." / "Vai, **vamos a**onde, hein?" / "Porque ninguém transa, **vai ao** banheiro lavar a mãozinha, (...)" / "**Vamos a**o clube?" – quanto na menos tradicional – seguido da preposição "em": "Já **fui em** Roma

10.17771/PUCRio.escrita.8422

comer nhoque à romana (...)" / "(...) uma namorada minha para **ir no** vídeo-clube alugar o Paciente Inglês (...)." / "Quis, porque quis **ir num** show de rock, aí (...)".

Outra estrutura muito comum é 'ir para', que vem substituindo 'ir a/em' em algumas circunstâncias – comentadas na maioria das gramáticas de PL2-E. Exemplos encontrados no programa são: "Me entupia de comida, **ia para** o banheiro e argh, argh, argh."/ "**Pra onde**, hein?!" / "É que a gente tá **indo prum** baile funk".

Bastante incomuns – pode-se dizer que inexistentes – são os problemas com verbos seguidos de infinitivo (com ou sem preposição). Entretanto, quando se analisam os verbos tradicionalmente denominados transitivos diretos e indiretos – dizer, falar, contar, pedir, dar, entregar etc. –, é curioso perceber que o objeto indireto, em vez de introduzido, como esperado, pela preposição 'a', tem recebido a preposição 'para' em substituição. Este é um fenômeno que se pode observar, cada vez mais, na fala cotidiana dos brasileiros: "Você não **disse para** mim que sua amiga Vani era completamente maluca?"; "Posso **falar** uma coisa **para** você?"; "(...) vou ter que acabar **contando** tudo **para** a Vani (...) amiga de verdade **conta** tudo uma **pra** outra, sabia?"; "Ô, Rui, **dá** isso **para** uma criança pobre"; "Sabe, tinha um negócio que eu **pedia para** Vani e que ela não gostava de fazer (...)"; "(...) e viesse pessoalmente **entregar pros** mendigos"; "(...) que vai **transmitir** as nossas reuniões **pra** nossas filiais (...)"

Os pronomes pessoais usados como complementos de verbo – que são abordados em todas as gramáticas analisadas no capítulo anterior – também estão presentes nos diálogos das personagens de 'Os Normais'. Contudo, apesar de utilizados com freqüência, não seguem as regras de colocação pronominal, tão comentada nas gramáticas para estrangeiros. Além disso, os pronomes '-o', '-a', '-os', '-as' quase não aparecem, muito provavelmente porque na fala coloquial dá-se preferência aos correspondentes 'ele', 'ela', 'eles', 'elas'; tampouco é fácil encontrar os pronomes do tipo objeto indireto '-lhe' e '-lhes', possivelmente pelo que já foi explicado sobre a troca da preposição 'a' por 'para', o que acaba por trazer a uso os mesmos 'ele'/'ela', 'eles'/'elas'.

Um fato lingüístico pouquíssimo comentado pelos gramáticos do português como segundo língua, mas bastante relevante para os de primeira, é o apagamento, ou seja, a supressão de algum complemento por estar implícito ou já ser conhecido. Dada a sua grande incidência na oralidade, deveria figurar nos materiais voltados ao ensino do

10.17771/PUCRio.escrita.8422

português para estrangeiros: "(...) vontade de pegar seu sabonete e **enfiar [-lo]**, assim ó, na garganta (...)"; "Outro dia, ela leu numa revista sobre o tal ponto G (...) Fiquei **procurando [o ponto G]**, né!"; "Se eu afundar bem divagarinho, ninguém vai **reparar [em mim]**"; "Fala mais alto, Rui. O assaltante do outro bairro ainda não **ouviu [você]**."; "Eu vou **trocar**, mas não vou ficar **trocando** não. Vou **trocar** só dessa vez!" **[a música]**; "Adoro calcinha enfiada! Você **tira [a calcinha]** devagarinho (...)"; "Movimentos suaves para não **assustar [os caras]**"; "Você **assiste [ao filme]** junto com a sua noiva ou escondido?"; "Vou comprar uma piscina de plástico e vou **botar [a piscina]** na minha casa, na varanda."

3.2- Sessões Plenárias

Os discursos dos participantes das sessões plenárias têm algumas características semelhantes e outras diferentes do que foi visto em 'Os Normais'. Começando pelo CR, verifica-se que também seguem às regências estabelecidas pelas gramáticas do português, e com mais rigor, pois até os verbos 'assistir', 'chegar' e 'ir', com raríssimas exceções, são usados com a preposição 'a': "Por sua vez, o Conselheiro que assume **assistiu**, hoje, **a uma sessão** histórica."; "Ela **chegou ao Tribunal**, Conselheiro, após a aprovação do edital." "O processo **veio à** pauta na 19.ª sessão, de 12 do corrente, sendo o Relator (...)"; "Quando éramos crianças e **íamos à missa** com a família, meu pai (...)".

Atenção ao verbo 'ir' acompanhado de 'para', que também é amplamente adotado nas falas em Plenário, na acepção contida não só nas gramáticas de PL1 como nas de PLE-2; o que é ilustrado por: "E eles podem **ir para** o céu, enquanto eu, indo de terno e gravata, posso **ir** até **para** o inferno. Quer dizer, as coisas vão mudando..."

Assim como os verbos transitivos relativos – acompanhados de CR –, os verbos seguidos de infinitivo, intermediados ou não por preposição, também seguem à risca as normas prescritas pelas gramáticas; o que estava previsto, uma vez que já era assim numa linguagem mais coloquial ('Os Normais').

Quanto aos verbos ditos transitivos diretos e indiretos, a linguagem mais formal das sessões plenárias vai se diferenciar daquela do programa de humor. O objeto indireto será, sim, introduzido, tradicionalmente, pela preposição 'a' – e não pela preposição alternativa 'para'. Muitas são as evidências, a exemplo de: "Senhor Presidente, gostaria de **dizer a** V.Ex.ª e **aos** meus ilustres pares – e específica e especialmente **ao** meu amigo Conselheiro

10.17771/PUCRio.escrita.8422

XXXXX (...)"; "Aproveito também para **desejar ao** Conselheiro XXXXX que seja muito feliz no convívio e no exercício de suas funções"; "Estamos apenas **avisando ao** Ministério Público que ela enviou as peças..."; "Vou **pedir** um pouco de paciência **ao** Plenário."; "Não vejo como **impingir à** jurisdicionada a mácula do parecer contrário se, (...)"; "V.Ex.ª gostaria de acrescentar algum item ao voto?"; "(...) gostaria de **submeter ao** nobre Relator uma sugestão para que ele **remeta** peças **ao** Ministério Público do Estado (...)"; "A denominação que o legislador **deu ao** instrumento que regula a concessão do repasse (...)"; "O Conselheiro XXXXX **enviou** ofício **à** Presidência solicitando (...); "(...) **devolvo**, sem voto-revisor, o Processo XXXXX **ao** Conselheiro XXXXXX."; "Nesse caso, a EMUSA **repassará à** associação o valor (...)".

A utilização dos pronomes pessoais como objetos (direto e indireto) é bastante comum no material ora analisado. Aqui, diferentemente de em 'Os Normais', os pronomes '-o', '-a', '-os', '-as', '-lhe' e '-lhes' são bem mais incidentes. Porém, embora esses pronomes sejam encontrados com grande freqüência, não costumam seguir todas as regras de posicionamento em relação ao verbo mencionadas nas gramáticas. Outras vezes, eles – como tantos outros termos que funcionam como complementos verbais – sofrem o mecanismo de supressão ou apagamento.

4. Proposta de Gramaticalização

Em vista do exposto no capítulo anterior e analisando os resultados em face do que dispõem as gramáticas de PL2-E, é possível traçar algumas propostas para a melhoria do processo ensino-aprendizado na área de português como segunda língua para estrangeiros.

- Se, mesmo em contextos lingüísticos que combinam informalidade e oralidade, como em 'Os Normais', costuma-se seguir à tradição no que diz respeito aos verbos transitivos relativos – que exigem complemento relativo –, faz-se essencial que as gramáticas de PL2-E dediquem muito mais espaço às preposições regidas de verbo;
- Mereceria mais destaque, também, a tendência de alguns verbos no português em perder a preposição 'a' e, às vezes, ganhar outra em substituição – 'assistir', 'ir em', 'chegar em' –, sempre lembrando aos alunos que esse fenômeno ocorre muito mais na linguagem informal (Os Normais) do que na formal (plenário);

10.17771/PUCRio.escrita.8422

- As diferenças semânticas essenciais entre o uso de ‘ir a/em’ e ‘ir para’ devem continuar, como vem ocorrendo, fazendo parte das explicações sobre regência;
- Quanto aos infinitivos dependentes de verbos, com ou sem preposição, grande parte das gramáticas voltadas para os estrangeiros já lista muitos dos casos usados no dia a dia. O que valeria à pena seria aumentar ainda mais o escopo dessas listagens, uma vez que não há desvios desse tipo nem na linguagem informal nem na formal;
- É interessante que as gramáticas incluam a diferenciação de uso das preposições ‘a’ e ‘para’ na introdução de objeto indireto, deixando claro para estrangeiro que a primeira é mais utilizada em registros formais e a segunda em informais;
- Os pronomes pessoais utilizados como complementos de verbos devem continuar a fazer parte das gramáticas de PL2-E, mas com menos preocupação em detalhar seu posicionamento na oração, a não ser quando se tratar de registro escrito formal, e retirando definitivamente, dado que, há muito, abandonadas, as possibilidades de combinação entre OD e OI, como em –mo, -lha, -tos, -nas etc.;
- O apagamento é um fenômeno que, em aparecendo com certa freqüência nos dois grupos de material, precisa estar, de alguma maneira, presente nas gramáticas, e deixar de ser apenas um resultado da aplicação intuitiva do aluno;

Esses são alguns dos principais pontos a serem avaliados durante a elaboração de uma gramática de PL2-E para que ela possa atender às necessidades do aprendiz.

5. Considerações Finais

Os resultados do trabalho apontam para algumas semelhanças e diferenças entre os registros formal e informal dentro de uma linguagem predominantemente oral. Dito isso, é extremamente necessário que as gramáticas de PL2-E contemplem essa dinâmica textual, a fim de transmitir ao aluno as variações que a língua pode sofrer de acordo com o contexto em que se insere.

De uma forma geral, o cuidado com a adequação regencial se daria mais em situações formais do que informais e mais em textos escritos do que orais. Para que o aluno de PL2-E possa se tornar um falante competente do português, ele deve estar consciente dessas flutuações. Entretanto, o que se percebe é que as gramáticas voltadas para esse público e disponíveis no mercado ainda não atendem às necessidades gerais do aprendiz,

10.17771/PUCRio.escrita.8422

ora – e na sua maioria – subjulgando-o, ora exigindo demais de suas capacidades – apresentando, por exemplo, nomenclaturas e conceitos gramaticais desnecessários. Vale frisar que o aluno de PL2-E não pretende, pelo menos na sua grande maioria, se tornar um lingüista em português.

Os itens propostos no capítulo anterior poderão servir como base para aqueles que pretendem se aventurar a escrever uma nova gramática do português como língua estrangeira, ao menos no que diz respeito à regência verbal. Vale lembrar que o presente trabalho não pretendeu, de forma alguma, esgotar o assunto discutido aqui, mas sim contribuir, de alguma maneira, para a descrição do português L1/M com aplicação no português L2-E.

Notas

[i] Lê-se português como primeira língua ou português como língua materna
[ii] Lê-se português como segunda língua para estrangeiros
[iii] Como fonte de consulta para as regências no português foi utilizado LUFT, C. P. *Dicionário Prático de Regência Verbal*. São Paulo: Ática, 2003.
[iv] Lê-se português como primeira língua ou português como língua materna

Renata de Oliveira Razuk é doutoranda em Estudos da Linguagem (PUC-Rio), tendo como área de interesse e atuação a pesquisa com Português como Língua Estrangeira (esp. regência verbal), tendo publicado recentemente os seguintes trabalhos:
"Transferências em Regência Verbal: erros recorrentes na tradução direta de preposições da língua inglesa para o português do Brasil" (Ed. PUC, no prelo)
"A Publicidade como Ferramenta no Ensino de Português para Estrangeiros: material didático, anúncios impressos e cultura brasileira" (Cadernos do CNLF, Volume IX, n.º 09, 2005; em http://www.filologia.org.br/ixcnlf/9/index.htm)
"Interfaces entre a Tradução e o PL2-E: as estratégias usadas pelos alunos estrangeiros na produção de textos em português" (Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura - Letra Magna, Ano 01, n.º 01, 2004; em http://www.letramagna.cjb.net)
"Etnografia em Shopping Centers" (Caderno Discente Coppead, Ed. UFRJ, 2001)
e-mail: rrazuk@gmail.com

Referências

CARREIRA, M. H. A. e BOUDOY, M. Le Portugais de A à Z. Paris: Hatier, 1993.

HUTCHINSON, A. P. e LLOYD, J. Portuguese: An Essencial Grammar. Londres e Nova Iorque: Routledge, 1996.

MASIP, V. Gramática de Português como Língua Estrangeira: fonologia, ortografia e morfossintaxe. São Paulo: EPU, 2000.

PERINI, M. Modern Portuguese: A Reference Grammar. New Haven e Londres: Yale University Press, 2002.

PRISTA, A. da R. Essential Portuguese Grammar. Nova Iorque: Dover Publications, 1966.

SÁ PEREIRA, M. de L. Brazilian Portuguese Grammar. São Paulo: Pioneira, 1973.

THOMAS, E. W. A Grammar of Spoken Brazilian Portuguese. Nashville: Vanderbilt University Press, 1974.

_____. The Syntax of Spoken Brazilian Portuguese. Nashville: Vanderbilt University Press, 1969.

TYSON-WARD, S. Portuguese Verbs and Essentials of Grammar. Illinois: Passport Books, 1997.

WILLIAMS, E. B. An Introductory Portuguese Grammar. Nova Iorque: Dover Publications, 1976.

10.17771/PUCRio.escrita.8422